



A fonte única e o contraditório na divulgação da primeira imagem de um Buraco Negro

Leoní Serpa¹.

Resumo: Trata-se de uma exposição teórica e empírica sobre o problema da ausência de “contraditório” nas produções jornalísticas científicas, especialmente sobre as notícias que divulgam o Espaço Sideral e as descobertas científicas. Faz-se um estudo de caso do *press release* da Nasa que subsidiou a divulgação da mídia sobre a primeira imagem de um buraco negro. O objetivo é discutir o papel e a influência que as fontes exercem na produção jornalística científica e identificar possíveis entendimentos sobre a autonomia jornalística. Tem-se como aportes teóricos Schudson (2005) sobre a relação de forças e a necessidade de haver garantias de autonomia aos jornalistas; Bourdieu (1997) sobre as relações entre os campos e interesses; Stuart et al (1993) distingue entre *primary* e *secondary definers*, possibilita identificar a ideológica do contraditório informativo; Gomis (2004), evidencia como os interessados produzem e fornecem os fatos.

Palavras-chave: 1. Jornalismo Científico. 2. Contraditório. 3. Fontes. 4. Autonomia jornalística. 5. Buraco Negro.

1. Introdução

As fontes integram as rotinas produtivas, especialmente na atividade jornalística dos chamados *mainstream média* ao longo da história. Ter boas fontes é sinônimo de prestígio profissional e tem o sentido de credibilidade noticiosa, no estatuto e na ideologia dos jornalistas. Integra também o cânone desta norma funcional incluir na feitura de uma notícia ou reportagem versões variadas, pontos e contrapontos.

Assim, ao produzir conteúdo jornalístico com visões plurais, especialmente de fontes contraditórias, e ao considerar integrar rotineiramente esse ordenamento na

¹ Doutoranda em Jornalismo e Estudos Mediáticos, na UFP, Porto/PT, orientador Dr. Jorge Pedro Sousa. Doutoranda em Jornalismo, na UFSC, SC/BR, orientador Dr. Eduardo Meditsch (Cotutela). Docente/Universidade Federal de Rondônia. Jornalista e Mestre em História pela UPF. E-mail: leoniserpa@gmail.com.

feitura das produções, a maioria dos veículos de comunicação avoca discurso implícito da “objetividade” e da “qualidade informativa” para o campo do jornalismo.

Esta é uma justificativa provocativa para observar especificamente as produções de jornalismo científico. Cobrir Ciência quase sempre é visto como produções jornalísticas complexas pelos profissionais. A era da abundância informativa tem facilitado o acesso às fontes, mas não tem atenuado um dilema produtivo: o do contraditório em notícias científicas. Não havendo contraditório, como sustentam-se tais estatutos profissionais na produção de jornalismo científico?

O objetivo da presente proposta é discutir sobre o papel e a influência que as fontes exercem na produção jornalística científica, em especial sobre os temas do Espaço Sideral e as descobertas científicas. São temáticas, cuja cobertura, por vezes, diante de um “acontecimento notável”, como define Rodrigues (1993), restringe-se apenas a uma única fonte, a um pesquisador ou a um paper - como foi o caso da divulgação da primeira imagem de um buraco negro.

Em face disso, lançam-se questionamentos sobre a autonomia jornalística a partir do que Michael Schudson (2005) vai chamar de “extraordinariamente complexa” com “graus e tipos de submissão e de autonomia”. A Autonomia de quê? Parte-se do entendimento de que as fontes, para além de fornecerem as evidências e as confirmações das quais os jornalistas necessitam para contar suas histórias, operam também como uma espécie de autoridade que legitima os fatos para seus próprios discursos.

Em outro aspecto, o jornalismo, no papel do que Stuart Hall et al (1993), vai distinguir entre *primary e secondary definers*, compreende-se a natureza ideológica do contraditório informativo e da autonomia. Ao confiar nas informações dos definidores, a mídia avaliza a reprodução das ideias e as ideologias.

Tem-se ainda a compreensão conceitual de “campo jornalístico” e “campo científico” de Pierre Bourdieu (1983; 1997; 2007) quando discute como os campos podem ser autônomos e como se articulam em relações de forças, de estratégias, de interesses - sejam eles, políticos, econômicos ou sociais. Desta forma, podemos olhar para as fontes como articuladoras de um jogo de interesses midiáticos, não apenas no contexto da

Teoria do Agendamento, como na percepção de Gomis (2004), quando discute que “os interessados produzem e fornecem os fatos”.

O relato empírico delimitado para este escrutínio procura ser entendido pela Teoria do Acontecimento, especialmente no espectro de Adriano Duarte Rodrigues (1993). Para tanto, tem-se como objeto empírico o release da Nasa e as entrevistas coletivas de imprensa, realizada pela National Science Foundation, dos Estados Unidos (dentre parceiros de projeto, Nasa e Esa), quando os cientistas envolvidos com o projeto apresentaram a imagem histórica e explicaram sobre como foi realizado o percurso deste processo de captação radiotelescópicas da sombra de um buraco negro, em abril deste ano.

A imagem é considerada pelos cientistas como feito histórico mais relevante das últimas descobertas e pesquisas sobre o espaço e serviu para testar mais uma vez a Teoria da Relatividade de Einstein. A divulgação deste feito pelas Agências Espaciais à mídia contou com seis conferências simultâneas que aconteceram em cinco pontos do planeta. Isso resultou numa produção jornalística similar em quase todos os veículos de mídia e uma única imagem do buraco negro estampada nos sites, jornais e televisões.

A partir da cobertura midiática feita pelos principais veículos do país e do mundo, em 10 de abril deste ano, (dentre eles, Folha de São Paulo, BBC Brasil, Público, PT, National Geographic) foi possível identificar a cobertura de muitos outros veículos, através de mecanismos de buscas online, especialmente pelo motor de buscas do Google, e tendo como base as palavras-chave do release: *Black Hole* (Buraco Negro); *Image Makes History* (Imagem faz história) assim, identificou-se que o fato foi noticiado a partir do release da Nasa. A principal imagem era a mesma disponibilizada pela agência e os dados reportavam as informações do release e dos depoimentos feitos nas coletivas de imprensa.

A metodologia a ser aplicada nesta análise centra-se na exposição descritiva e também reflexiva das teorias e do estudo de caso sobre o objeto empírico. As reflexões teóricas procuram ajudar a elucidar o problema central desta exposição: o contraditório no jornalismo científico. Trata-se de um estudo de caso descritivo sobre publicações veiculadas no dia do lançamento da divulgação da imagem de um buraco negro e tem-se como base o press release conjunto da *National Aeronautics and Space Administration*,

Nasa, e *Telescopes Coordinated Observations* (Press Release: April 10, 2019) com o seguinte título: “Black Hole Image Makes History”.

A proposta passa por uma compreensão argumentativa e exploratória da temática sobre o espaço publicada pela mídia e as respectivas fontes. A pesquisa Exploratória é a opção que se desenha para que os pesquisadores possam partir de um problema definido, procurar aprofundar seu conhecimento sobre a questão ainda com pouco estudo, e neste caso, também com uma escassez de referências bibliográficas sobre o tema.

Para uma melhor compreender este desenho sobre o problema que discute o contraditório no jornalismo científico encontramos em dois textos, de dois jornalistas brasileiros, opiniões sobre as fragilidades do contraditório em notícias desta natureza. Escreveram: 1. Maurício Tuffani (2009): “O contraditório no jornalismo científico”, onde discute sobre as “especialidades jornalísticas” e a consolidação dos “repórteres de ciência” a partir do século 20.

Desta forma, segundo ele fica distinta “a imagem de tradutores da linguagem especializada dos cientistas, cada vez mais inacessível para os leigos”. Também fica evidente o papel passivo “como característica da sociedade no modelo de divulgação científica” e tece críticas à falta do contraditório entendendo que os jornalistas, ao não expor o contraditório em suas produções, colocam a “ciência no papel de “detentora de verdades absolutas [como se] não comportasse diferentes visões sobre seus temas”. Em outro aspecto, “o jornalista abre mão não só de sua função mediadora, mas, acima de tudo, de seu dever profissional de lidar com diferentes versões”. A perda informativa, segundo ele, é do leitor, ouvinte, telespectador.

2. A jornalista Mônica Teixeira (2002, p. 134) escreveu sobre os “Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil – uma visão do debate sobre as relações entre a ciência e o jornalismo”, onde afirma: “Não há contraditório na cobertura de ciência. Dispensamos o jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões da verdade quando se trata de ciência”.

Identifica a jornalista um dos pontos nevrálgicos da cobertura de ciência que é o da crença de que “a verdade da ciência não comporta versões, dado ser a ciência

justamente o método mais perfeito desenvolvido pelo homem para a apreensão da verdade sobre tudo no mundo passível de ser tomado como objeto desse método”. Deste modo a jornalista vai explicar a sua visão dos motivos pelos quais não há contraditório na cobertura de ciência. Diz ela que “não há contraditório possível para a ciência, a não ser aquele que a própria ciência engendrará ao longo do tempo com a continuidade da aplicação de seu método”. Isso faz com que os jornalistas que “cobrem ciência curvam-se perante sua sabedoria indubitável; e a reverenciam ao encarná-la no cientista-fonte de uma determinada matéria”.

Não havendo versões e nem contraditório, “o que se reserva então ao jornalista que cobre ciência?”, questiona-se. (Teixeira 2002, p. 135) vai responder dizendo que é a tarefa de “traduzir com competência e fidelidade, de tal forma a ser compreendido pelo público leigo, um específico conteúdo científico”. Cita o caso das fontes das revistas científicas que ganham relevância e autoridade devido ao “chamado sistema de avaliação por pares”.

São cenários que corroboram com a discussão central desta exposição, ao propor refletir sobre a ausência de contraditório na maioria das suas produções de jornalismo científico, principalmente naquelas com temática espacial.

2. Pressupostos teóricos e a “autonomia” jornalística

O principal propósito deste capítulo é o de discutir sobre os campos, científico e jornalístico e como eles se relacionam diante dos acontecimentos, numa disputa de forças e de autonomias. As reflexões propostas consideram primeiramente o entendimento do jornalismo dentro dos pressupostos teóricos que o colocam como: **1.** Ação dos sujeitos críticos dos fenômenos e como forma de conhecimento singular cristalizado, defendido em (Genro, 2012). **2.** Uma atividade profissional em meios de comunicação da chamada *mainstream média*. Especificamente, refere-se também ao que Epp & Halliki (2016)² vão chamar de uma cultura de jornalismo que, ao longo do tempo, convencionou-se a uma certa autonomia individual, com um valor ocupacional enraizado na ideologia profissional e no noticiário cotidiano. Atividade esta que em

² Trata-se de tradução livre.

países democráticos, não sofre interrupções constantes e permite-se assim desenvolver plenamente uma profissão mais autônoma.

Reside exatamente neste contexto o problema base desta exposição: de qual autonomia jornalística refere-se? - em especial na produção jornalística de notícias sobre ciência e em particular daquelas com temática que circundam pesquisas e descobertas sobre o espaço sideral, com complexidade de fontes, muitas vezes escassas, ou ainda quando há uma única pesquisa, de um único autor, ou uma descoberta científica em que não suscita o contraditório informativo. Destas formulações complicadoras que fragilizam o discurso ideológico - uma das balizas do cânone jornalístico - parte-se, então, do questionamento sobre autonomia jornalística a partir da própria fragilidade produtiva que a atividade implica devido a sua dependência das fontes de informação (em muitos casos, de uma única fonte apenas) para que o conteúdo possa vir à público.

Epp & Halliki (2016), vão dizer que a autonomia jornalística é um elemento importante da cultura profissional do jornalismo e tem contribuído para demarcar fronteiras entre os chamados “jornalismo cidadão” e “jornalismo profissional”. A combinação de recessão econômica, revolução info-tecnológica, a falta de política de mídia integrada, afetam drasticamente o ambiente de trabalho dos jornalistas e desafiam a sua autonomia. No caso do jornalismo científico o desafio reside especificamente na impossibilidade de muitas vezes confrontar fontes de pesquisa.

Antes de discutir sobre o questionamento aqui proposto tendo por bases a indagação e as percepções de Schudson (2005)³ é conveniente tecer alguns entendimentos a partir do conceito de “campo jornalístico” e “campo científico”, (Bourdieu, 1983; 1997; 2007). O jornalístico pode ser compreendido na perspectiva do discurso, das trocas simbólicas que possibilitam dar a conhecer, num papel que evidencia outros campos sociais, e que em última instância confere um certo sentido ao mundo, a partir daquilo que é noticiado.

Os campos sociais funcionam como microcosmos e têm seus interesses específicos e valores. Bourdieu (1997) elenca mecanismos essenciais ao funcionamento do jornalismo, dentro do microcosmo que lhe confere os seus próprios preceitos. Tais códigos jor-

³ Trata-se de tradução livre nas citações e nas atribuições dos textos dos autores.

nalísticos não lhes aferem uma autonomia plena, mas dúbia, principalmente pela sua dependência de outros campos, em especial, o político e o econômico. Desta forma, é o discurso jornalístico que vai dar a visibilidade aos demais campos. Nesta perspectiva de análise, a reflexão recai sobre a dependência do jornalismo ao campo científico.

Bourdieu (1983, p. 122) coloca a ciência num campo social que, assim como as demais variantes, tem as suas relações de forças, seus monopólios, lutas estratégicas, interesses e seus lucros. Entende que “a verdade científica - reside numa espécie particular de condições sociais de produção; isto é, mais precisamente, num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico”.

Como representação social e simbólica, a ciência nas suas relações de forças ganha socialmente uma espécie de outorga, de um agente determinado que legitima os seus próprios interesses científicos, sejam eles pelos emblemas dos signos ou “pela razão puramente técnica”, de “autoridade ou de competência”.

Como a ciência universaliza seu campo, diz Bourdieu (1983, p. 141-142), “as propriedades ligadas a estados particulares desses campos” e as “suas teorias e transformações dispõem-se a preencher funções ideológicas nas lutas dentro do campo científico”, e lhes concedem uma legitimidade específica. Assim, a Teoria Positivista que impõe os critérios objetivos, a grosso modo, pela exemplificação que o autor descreve, “age como se pudesse passar de um sistema para outro - de Newton à Einstein, por exemplo - pela simples acumulação de conhecimentos, pelo refinamento das medidas e pela retificação dos princípios”; desconsidera-se, por exemplo, que “o campo da astronomia onde se dá a revolução copernicana, se opõe ao campo da física”, e assim culmina “num consenso de soluções do “progresso na rotina da “ciência normal”.

Ao olhar mais profundamente para a relação dos campos que funcionam como microcosmos e têm seus interesses específicos e valores, como ressalta (Bourdieu, 1997), compreende-se as congruências e as dobras existenciais entre os dois campos, o jornalístico e o científico. É possível dizer que na relação com as fontes o jornalismo se curva ao campo da ciência, para assim fazer nascer o acontecimento. Na relação com o campo científico, o jornalismo luta para preservar a própria natureza de ser, daquele que dá a conhecer sobre. Nesta relação de forças pode residir a existência do contraditório, como também pode haver razões para a submissão jornalística à ciência.

2.1 “Autonomia de quê?”, indaga-se Michael Schudson

Schudson (2005, 214-223) ao discutir sobre a autonomia jornalística, questiona-se “de quê?” Dentre as ausências de autonomia, ele discute possíveis compreensões para o que vai chamar de “subserviências dos jornalistas ao mercado e ao estado” e neste ensaio trazemos também à ciência.

Schudson (2005), assim como outros autores, como visto em Epp & Halliki (2016), questionam a autonomia e a independência do jornalismo em relação às forças de mercado e a independência dos governos. Faz uma constatação de que “Bourdieu não apenas coloca os campos sociais em suas próprias lógicas, mas que alguns campos são mais independentes em suas lógicas do que outros”. Nesse caso, Bourdieu vai citar, por exemplo, poesia e matemática como campos relativamente mais determinados e autônomos do que muitos outros, pela lógica interna.

Schudson (2005, p. 215 e 218) destaca que, “na prática, a autonomia jornalística é extraordinariamente complexa” e há graus e tipos de submissão e de autonomia e questiona: “Até onde vai a autonomia do jornalismo e até que ponto é um fechamento egoísta?” Responde que na “prática diária do jornalismo, a autonomia é um prêmio que os repórteres e editores honestos buscam”. Justifica dizendo que “eles não querem ser sobrecarregados por pressão de governo e nem por pressões econômicas dos donos da mídia ou dos anunciantes, ou da concorrência de mercado”. Querem “ser capazes de proceder de acordo com seus próprios entendimentos e poderem fazer os seus próprios julgamentos sobre o que entendem por “notícias”. Obviamente, diz Schudson (2005, p. 218), o “julgamento sobre o que é “notícia” não é individual de um jornalista, mas de um entendimento coletivo. De um construto coletivo de campo, de comunidade jornalística”.

Schudson (2005, p. 219) vai tocar num outro ponto desta ameaça de autonomia jornalística, a partir dos “fatos imprevisíveis”, “eventos raros”, dentre eles, cataclismos, inundação, assassinato. Também os chamados eventos imprevistos, como questões ambientais, energéticas, assassinatos, acidentes, que estão além do controle estabelecido pelas ideologias profissionais do jornalismo.” Os fatos imprevisíveis já são por si só motivos para desbancar a autonomia jornalística”.

Ao questionar sobre o grau de autonomia que os jornalistas devem procurar alcançar, Schudson (2005, 221), evoca-se em democrata para pensar que essa autonomia “não deve querer um jornalismo tão autônomo, fechado e separado de pressões externas, como os campos da matemática e da poesia”, como assim definiu Bourdieu.

Entende que a visão de jornalismo que ele compartilha, “não é a de um conjunto de pensadores e profissionais individuais em busca da verdade, mas a de um conjunto de comunicadores enérgicos e atenciosos que tentam manter uma sociedade em sintonia com ela mesma”. Entende que “o jornalismo, como circulador primário de significados na sociedade é o local das ideias e dos valores de outros campos”. Sugere Schudson (2005, 222), que “os jornalistas não devem negar a si mesmos os caminhos da análise e da crítica. Eles devem ser ativos em abrir as janelas da política para arejar a esfera pública, mesmo quando os políticos preferiram esconder e escamotear os fatos”.

Defende que a autonomia jornalística possa ser articulada com a democracia e assim exigir-se-á uma atuação de “jornalistas sérios e corajosos, num papel plural que envolva diferentes esferas da vida, com variedades de diferentes pontos de vistas, informativas e autocríticas”. Havendo pluralismo no exercício jornalístico, “então a autonomia jornalística pode ser boa não apenas para os jornalistas, que naturalmente apreciam a liberdade de escrever o que querem, mas bom para uma sociedade democrática”.

3. As fontes em jornalismo científico e o dilema do contraditório

Neste escopo teórico procura-se entender sobre as fontes e a Teoria do Acontecimento para alcançar entendimentos do objeto empírico desta exposição. Assim encontramos em Rodrigues (1993, p. 27-33), a definição sobre o acontecimento jornalístico que situa-se na “escala das probabilidades de ocorrência”.

Mas, afinal qual a relação das fontes com o acontecimento jornalístico científico? Em relação aos critérios de noticiabilidade que os jornalistas adotam para a produção dos temas relativos ao espaço sideral? Rodrigues (1993, p. 29) auxilia neste entendimento destacando que o “discurso jornalístico torna-se fonte de acontecimentos notáveis, devido ao fato dele próprio ser dispositivo de noticiabilidade. O autor aponta como “os meta-acontecimentos estão nos “próprios dispositivos da informação, a fonte e a urgência”.

Na atual sociedade marcada pelos valores ideológicos positivistas, não há como descolar os valores notícias adotados pelos jornalistas do pensamento mítico da época moderna quando se “considera a cegueira da razão iluminada, como o entrave ao conhecimento positivo da ciência”. Desta forma, entende Rodrigues (1993 p. 29), “o discurso dos medias surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade”, ao integrar num todo “os fragmentos dispersos com que é tecida a trama do presente”. Desta forma, ao relatar um acontecimento, a mídia produz também o que o autor chama de “o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo”.

No entendimento do acontecimento e na dinâmica da relação dos mídias com as fontes informativas, encontramos percepção naquilo que Hall et al (1993, pp 224-248) abordam sobre a questão das produções sociais das notícias e identificam os *primary e secondary definers* nas práticas midiáticas.

Na análise dos autores, a regularidade funcional da prática noticiosa é acionada pelas fontes, que subsidiam muitas das “estórias” a serem contadas. Stuart et al (1993, p. 228) destacam que “os medias não criam autonomamente as notícias: melhor, estão dependentes de assuntos noticiosos específicos fornecidos por fontes institucionais regulares e credíveis”.

O importante da relação estruturada entre os medias e os *primary definers* institucionais é que permite aos definidores institucionais estabelecer a definição ou interpretação primária do tópico em questão. Hall et al (1993, 230) vai dizer que “a definição primária estabelece o limite de todas as discussões subsequentes através do seu enquadramento do problema”.

Nesta relação estruturada, “no momento da produção jornalística, os medias colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos *primary definers*”. É através desta relação estruturada com as fontes “poderosas” que se “começa a estabelecer a questão negligenciada do papel ideológico dos medias”. Em outro aspecto, entendem Hall et al (1993, p. 231), pelo fato de cada veículo ter o seu “enquadramento organizacional específico”, isso, resultará num modo de discurso regular característico e próprio daquele meio de comunicação.

Delimitamos para este estudo aportes teóricos a dar entendimento sobre o sentido das fontes em jornalismo e assim possibilitar enfrentar os problemas discutidos. O entendimento é de Gomis (2004, p. 103-117), quando diz que os fatos, “não se apresentam sozinhos”, passam pelos processos jornalísticos antes de serem publicados ou descartados. Invariavelmente são os jornalistas e os interessados em que algo seja divulgado que possibilitam que as informações venham à tona.

Segundo o autor “o fornecimento dos fatos é gratuito”. Compreende que aqueles que produzem, não cobram para comunicá-los aos meios, “nem às agências de notícias que os recolhem e difundem”. Gomis (2004, p 103) reforça “que nem as fontes cobram por contá-los, nem os meios por publicá-los.

Desta forma, se um determinado fato é interessante para a mídia, “a fonte interessada presta um serviço ao público ao torná-lo conhecido e faz um favor ao meio” (Gomis, 2004, p 104), devido à oferta de informação. A partir do fato acontece a difusão porque aquilo é notícia e interessa ao público conhecer.

As fontes, destaca Gomis (2004, p 106), formam parte da audiência ao mesmo tempo em que fornecem as informações. Assim, “os interessados em que conheçamos alguns fatos chamam a atenção dos meios ou inclusive os produzem deliberadamente para provocar na audiência uns efeitos desejados”. Os veículos, por sua vez aproveitam desta farta disponibilidade de fatos “trazidos ou preparados” para oferecer aos seus públicos.

Abranger sobre as fontes é, por tanto, compreender sobre de onde as notícias nascem, ou se originam. Os temas trazidos pela mídia chegam muitas vezes, como mostra (Gomis 2004), pelos próprios “interessados que produzem e fornecem os fatos”, como por exemplo, os press release, das Agências Noticiosas ou no caso da Ciência dos organismos de pesquisas. Pode ser através de fontes regulares que fornecem dados, fatos que interessam aos veículos.

Tendo por base levantamento preliminar, realizado nas principais notícias publicadas com temas sobre o espaço sideral, no âmbito da pesquisa exploratória, identificou-se que as fontes mais citadas nas notícias científicas, dos principais veículos do país, (especialmente Folha de São Paulo e Superinteressante) têm por base as Assessorias, das principais Agências Espaciais, Esa e Nasa, das revistas de publicação

de resultados de pesquisas, dentre as quais: *Science American*; *The Astronomical Journal*; *The Astrophysical Journal*, *Nature Physics*; *Academy of Sciences*, entre outras.

4. “A imagem de um buraco negro pela primeira vez na história”

O acontecimento empírico que ilustra a discussão desta proposta é sobre a divulgação do resultado da pesquisa que culminou na primeira imagem de um buraco negro reproduzido pela mídia quase na íntegra. Antes de ir ao relato do fato é conveniente ressaltar que a análise para este entendimento não tem como base conteúdos específicos, nem análise de conteúdo mais apurada e não fixa-se em um determinado veículo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com um estudo de caso, e dá conta de entender uma única questão: a origem do fato e a fonte da notícia, basicamente a partir do press release e da entrevista coletiva de imprensa, realizada pela National Science Foundation, dos EUA, e parceiras de projeto.

No dia⁴ 10 de abril de 2019, quarta-feira, coletivas de imprensa se espalharam pelo globo, a partir das 10 horas. Nesta reunião de jornalistas, pesquisadores e comunicólogos, os cientistas envolvidos com o projeto apresentaram a imagem histórica e explicaram sobre como foi realizado o percurso deste processo de captação radiotelescópica da sombra de um buraco negro, até finalmente conseguirem produzir em uma única foto e assim dizer: “Um buraco negro e sua sombra foram capturados em uma imagem pela primeira vez, um feito histórico de uma rede internacional de radiotelescópios (EHT)” (Nasa, 2019).

As coletivas de imprensa mostraram a nova imagem da sombra do buraco negro supermassivo no centro de Messier 87 (M87), uma galáxia que fica a cerca de 55 milhões de anos-luz da Terra. O buraco negro gigante capturado é 6,5 bilhões de vezes a massa do Sol. A Agência Espacial Europeia (ESA), realizou a conferência de imprensa, na quarta-feira à tarde, diretamente de Bruxelas. Era uma das seis conferências simultâneas que aconteciam em todo o mundo. A da National Science Foundation, em Washington, devido à diferença do fuso horário, foi pela manhã, e também reuniu cinco

⁴ O resultado da coleta dos dados sobre as informações deste acontecimento foi originalmente divulgado neste texto: *posts/view/862*. Em,7.5.2019. In: **rjp** <http://ricardojorgepinto.com/posts/view/862>.

dos principais cientistas envolvidos com a pesquisa para apresentar, os dados e a imagem.

Como num efeito cascata, a imagem do buraco negro foi replicada em minutos mundo afora, em sites e na maioria dos meios de comunicação do planeta. Impressionante observar, pelo motor de buscas em palavras-chave, que as três principais palavras que se extraiu com maior número de postagens foram aquelas que constam do release da Nasa e aparecem em quase todos os títulos dos medias naquele dia, sendo: “imagem; buraco negro; primeira vez”.

Os títulos sintetizaram o fato a partir das palavras dos cientistas e os releases das agências espaciais contribuíram com o foco das publicações, ao evidenciar, quase nas mesmas palavras: “a imagem de um buraco negro pela primeira vez na história”. Desta forma, todos noticiaram o fato a partir dos dados do release da Nasa, das coletivas de imprensa, especialmente da National Science Foundation que forneceu o conteúdo para ser disseminado pelos medias.

Os releases forneceram informações para auxiliar entendimentos dos dados apresentados na pesquisa da imagem do buraco negro: "Esta é uma conquista incrível da equipe da EHT", disse Paul Hertz, diretor da divisão de astrofísica, na sede da NASA em Washington, durante a coletiva. Complementou: “Anos atrás, achávamos que teríamos que construir um telescópio espacial muito grande para fazer a imagem de um buraco negro. Ao colocar radiotelescópios em todo o mundo para trabalhar em conjunto, como um instrumento, a equipe da EHT conseguiu isso, décadas antes do tempo” (Nasa, 2019).

5. Considerações Finais

Trouxemos três cenários para dialogar com a realidade empírica do jornalismo científico. Eles foram descritos com o propósito de alcançar compreensões plausíveis à ausência de contraditório no jornalismo científico, especificamente com temática espacial. O primeiro deles foi o acontecimento da primeira imagem de um buraco negro. Neste fato em particular a ausência do contraditório nos ajuda a entender as razões pelas quais há uma subordinação e uma certa “inferiorização” do campo jornalístico, às fontes científicas. Simplesmente no caso da cobertura da imagem do buraco negro não há

possibilidades de contraditório. É resultado de uma única pesquisa, feita por inúmeros pesquisadores, que originou num único acontecimento, de uma única fonte.

Outros dois cenários apresentados pelos jornalistas Tuffani (2009) e Teixeira (2002) são corroborantes para compreender a realidade pelo viés dos profissionais e suas percepções das fragilidades do contraditório nas notícias sobre Ciência. Identificamos através das constatações deles de que os jornalistas se curvam perante a supremacia da fonte científica.

Desta forma, constata-se, a partir dos relatos dos dois jornalistas e através da divulgação do acontecimento da primeira imagem do buraco negro (feita pela rede internacional de radiotelescópios, EHT) - as dificuldades na observância do princípio do contraditório nas produções de jornalismo sobre ciência.

Também ao longo desta explanação procuramos refletir sobre a questão, pelo viés teórico, de autores que se debruçaram sobre a necessidade de autonomia jornalística. Foi uma tentativa de responder ao desafio que implica muito mais numa conjuntura de subordinações estruturadas, naquilo que Hall et al (1993) chamaram dos “primary definers”, aqueles que possuem poder e posição de autoridade para submeter a mídia na reprodução das ideologias dominantes.

Outras tentativas de respostas podem ser entendidas pela preocupação ensaística de Schudson (2005), e de Epp & Halliki (2016), quando, ao questionarem sobre as dependências dos jornalistas às fontes, especialmente política e econômica, numa relação de forças deixam alcançar que os profissionais do jornalismo precisam ter garantias de autonomia. No sentido restrito do jornalismo científico essa autonomia poderia ser repensada por uma singularidade que garanta o seu campo específico.

Pela discussão proposta por Gomis (2004) distinguimos um papel para as fontes como articuladoras de um jogo de interesses midiáticos. Vale salientar o papel das Assessorias de Comunicação, hoje integradas em quase todos os organismos públicos e privados que geram conteúdo aos públicos e às mídias. Como evidenciado anteriormente, a maioria das notícias sobre o espaço decorre das informações das assessorias das Agências Espaciais, de revistas científicas especializadas ou de artigos/e ou papers.

A partir das questões norteadoras, pelas descrições teóricas e relatos empíricos, fica evidente que o jornalismo científico, para além daquela abordagem com temática

espacial, carece do contraditório. O desafio é o de poder se constituir autônomo na medida em que as produções jornalísticas consigam sair da dependência oficiosa das fontes e procurem trilhar pela linha da reflexão mais crítica, desvencilhando-se dos registros e da divulgação com perspectiva de difusão do fato pelo fato.

Não se trata de uma solução mágica que visa apenas o cumprimento de um estatuto profissional e uma ideologia de classe, mas de uma autonomia aos moldes daquela apresentada por Schudson (2005): para além das concepções limitadoras da política e economia, uma autonomia profissional efetiva, com reflexos democráticos.

Dentre as constatações explicitadas nesta proposta, evidenciou-se que o jornalismo enfrenta diversas situações de ameaças à sua autonomia. Dentre as quais, a recessão econômica, a revolução info-tecnológica, a falta de política de mídia integrada e políticas antidemocráticas. Nem todas as ameaças descritas podem ser totalmente aplicadas ao jornalismo científico, no entanto, este sofre de outros constrangimentos, o negacionismos e anticientificismo, bem presentes na realidade atual, situação que poderá ser discutida em outra oportunidade.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: Renato Ortiz (org.). Coleção Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1983, pp. 122-155.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- _____. **The political field, the social science field, and the journalistic field**. In: BENSON, R.; NEVEU, E. Bourdieu and the journalistic field. Cambridge: Polity Press, 2005.
- EPP Lauk (University of Jyväskylä, Finland); HALLIKI Harro-Loit (University of Tartu, Estonia). **Journalistic Autonomy as a Professional Value and Element of Journalism Culture: The European Perspective**. In: International Journal of Communication, 2016, 1956–1974 1932–8036/20170005.
- GENRO Filho, Adelmo (2012). **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis: Insular.
- GOMIS, Lorenzo. **Os interessados produzem e fornecem os fatos**. Estudos em Jornalismo e Mídia (Florianópolis), v. 1 n.º.1, 2004.
- HALL Stuart; Chritcher, Chas; Tony Jefferson; John Clarke e Brain Roberts. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: Nelson Traquina (Org.), Jornalismo: questões, teorias e “estórias”, (224-248), Lisboa: Veja, 1993.
- HORIZON of Events Telescope (EHT): <https://eventhorizontelescope.org/>
- NASA (Press Release: April 10, 2019) - **Black Hole Image Makes History**; NASA - Telescopes Coordinated Observations: https://www.nasa.gov/mission_pages/chandra/news/black-hole-image-makes-history. E, National Science Foundation: <http://www.nsf.gov/blackholes>.
- NEVEU, E. **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.

- RODRIGUES, Adriano Duarte. **O Acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993, p. 27-33.
- SCHUDSON, Michael. **Autonomy from What?** pp.214-223. In: Bourdieu and the Journalistic field. Edited by, Rodney Benson e Erik Neveu, Cambridge: Polity, 2005.
- TEIXEIRA, Mônica. **Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil**. In: Publicações: BRITO, F.; MASSARANI, L; MOREIRA; IC (Orgs.). Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, pp. 133-41.
- SCIENCE American Association for the Advancement of Science <https://www.sciencemag.org/>
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortez, 2002.
- TUFFANI, Maurício. **O contraditório no jornalismo científico**. In: Unespciência: Edição 01, Ponto Crítico, setembro 1, 2009. Disponível em: http://www.unespciencia.com.br/revista/UC001/UC_01_ponto.pdf.
- Post in: "Nós vimos um buraco negro! Está aí!"*. Leoní Serpa em 07.05.2019. In: **Site RJP**, Porto, PT. Disponível em: <http://ricardojorgepinto.com/posts/view/862>. Acesso em 25/06/2019.